

## breves

### Protesto estudantil continua

A contestação pelo valor da propina levou os estudantes a mais uma manifestação, desta vez nas ruas da Covilhã. A Associação Académica da Universidade da Beira Interior (AAUBI) manifestou-se mais uma vez, no passado dia 25 de Novembro em protesto pelo valor da propina. A iniciativa foi feita em conjunto com associações de estudantes do Ensino Superior de todo o País.

"O objectivo da manifestação é, mais uma vez, chamar a atenção para o problema por resolver das propinas", adianta Luís Franco, presidente da AAUBI.

"Enquanto o valor da propina não baixar, vamos continuar com os protestos", garante. A partir das 14 horas houve concentração de estudantes no Pólo I e no Pólo IV (Ernesto Cruz). Em seguida, os dois grupos "marcharam em direcção ao centro da Covilhã para mostrar a união de toda a Academia".

Santos Silva, reitor da UBI, deixa claro que a manifestação "é um direito civil". No entanto, faz questão de esclarecer que "existe uma Lei (Lei de Bases do Financiamento do Ensino Superior) que estabelece a competência da atribuição do valor da propina. As propinas não são da responsabilidade do Reitor, mas de quem faz as leis", conclui.

### Colheita de sangue na UBI

#### Teresa Batista

Acabar com a falta de sangue em Portugal é o que leva o Instituto Português de Sangue de Coimbra (IPSC) a procurar as Universidades. Pelo quarto ano consecutivo, estudantes, docentes e funcionários da UBI puderam dar o seu contributo num projecto que tem em vista prestar assistência a todos aqueles que necessitarem de sangue.

O Pólo IV da Universidade da Beira Interior foi o local escolhido para fazer mais uma recolha de sangue. No passado dia 18 de Novembro, estudantes, funcionários e professores tiveram a oportunidade de dar sangue, um acto simples que pode contribuir para ajudar muita gente.

Salvar vidas é o principal objectivo que leva os estudantes da UBI a dar sangue.

Susana tem 21 anos e frequenta o curso de Psicologia. Apesar de ser a primeira vez que dá sangue, considera que "actualmente há muita gente que precisa de sangue e o contributo de todos é essencial para a vida de muitas pessoas".

Ana Mendes acrescenta que o seu tipo de sangue é universal e como pode ajudar os outros sem ter consequências na sua própria saúde achou importante começar a dar sangue.

Com a falta de sangue que existe

#### "Bolseiros não deviam pagar qualquer propina"

O financiamento da Acção Social foi um dos principais alvos do protesto. "A falta de financiamento nesta área é notória", defende Luís Franco, para quem a decisão da ministra da Ciência e do Ensino Superior, Maria da Graça Carvalho, de estabelecer o pagamento da propina mínima (463 euros) para alunos bolseiros, é "insuficiente". "Os estudantes bolseiros não deviam pagar qualquer propina", argumenta o dirigente estudantil. No folheto de anúncio da manifestação podia ler-se um apelo à comunidade estudantil para o não pagamento da propina. Foram apresentadas três razões para a defesa de tal posição: a apologia de que "o financiamento das instituições deve estar a cargo do Estado", a crença de "ainda ser possível revogar a lei que fixou este valor das propinas" e a falta de regulamentação da nova fórmula de cálculo das bolsas, o que, para a AAUBI, implica "um novo processo de candidatura com a atribuição de novas bolsas". Em comentário ao apelo, Santos Silva apenas referiu que "nenhum cidadão se pode sobrepor à lei".

Aos estudantes deixa a mensagem de que "é preciso interiorizar que a lei existente, quer seja boa ou má, tem de ser cumprida".

no nosso país, o IPSC procura as escolas e as Universidades para fazer as suas colheitas.

Diamantino Simões, administrativo da brigada do IPSC, confessa que as escolas são privilegiadas pelo Instituto porque "para além de haver muita juventude, que habitualmente é generosa, também são um ponto propício para a divulgação da campanha". Esta equipa conta com especialistas médicos que se especializam pela segurança dos dadores, por isso há uma série de requisitos necessários para que a dadora possa ser feita. Ser maior de 18 anos, ter no mínimo 50 quilos, ter os níveis de hemoglobina adequados e encontrar-se bem de saúde são as principais características que devem fazer parte de um dador.

Duarte Sousa, médico responsável pela equipa, acrescenta que "há cada vez mais necessidade de sangue no nosso País", uma situação que deveria sensibilizar as pessoas.

Apesar dos estudantes acharem que esta campanha deveria ter sido mais divulgada, a adesão foi muita e os responsáveis fazem um balanço positivo. Por fim deixam o apelo àqueles que quiserem dar sangue: "dia 5 de Dezembro venham ter connosco à biblioteca da UBI".

### Semana Nacional traz Ciência e Tecnologia à UBI

"Que ciência se faz em Portugal? Quem são os nossos cientistas? Como trabalham? O que investigam? Que resultados obtêm?", são as questões levantadas a que procuram responder as várias iniciativas levadas a cabo por todo o País no âmbito da Semana da Ciência e Tecnologia. A actividade é promovida pelo projecto Ciência Viva, da Agência Nacional para a Cultura Científica e Tecnológica, todos os anos, em Novembro.

Este ano, na UBI, foram vários os eventos integrados no âmbito desta Semana.

Logo na segunda-feira, 24, houve visitas organizadas aos laboratórios do Departamento de Ciência e Tecnologia do Papel, onde se tentou perceber a formação das folhas de papel e observar alguns testes de qualidade. Na quarta-feira, 26, Dinis Afonso Ribeiro, Director da Companhia Espacial Portuguesa Limitada, proferiu uma conferência sobre o tema "Estrutura do Curso de Actualização em Astronáutica", que teve lugar no anfiteatro 6.1 do Bloco 6 da UBI. O mesmo local acolheu, no dia seguinte, quinta-feira, 27, a apresentação de Tiago Oliveira Rodrigues, docente do Departamento de Matemática da UBI, sobre o tema "Distâncias Inacessíveis". No mesmo dia, pelas 21 horas foi possível olhar os céus, durante as observações astronómicas que tiveram lugar no Bloco 4 da Universidade.

### UBI recebe 15 alunos em terceira fase

Os resultados das candidaturas à terceira fase de acesso já foram conhecidos. O período de candidaturas decorreu entre os dias 12 e 17 de Novembro, e os resultados foram tornados públicos dia 20. As matrículas terminaram no passado dia 24. Na UBI ingressaram 17 novos alunos, mas apenas 15 efectuaram matrícula na instituição.

Os novos estudantes dividem-se pelos cursos de Ciências do Desporto (3), Engenharia Têxtil (1), Filosofia (3), Informática Ensino (1), Química Industrial (2), Design Têxtil e do Vestuário (2) e Língua e Cultura Portuguesas (3). Ao todo, ingressaram este ano na UBI 915 novos alunos, ocupando mais de 85 por cento das vagas a concurso.

## ponto de vista



### E agora UBI?

> Pedro G. Carvalho

No momento em que este artigo esteja disponível já temos um novo reitor eleito. O primeiro e único que até agora foi eleito na nossa Academia. Em si mesmo tal facto não é bom nem mau, era esperado e inevitável, pois não havia alternativas. Não haver alternativas é que pode ser mau e problemático. Não na UBI e na nossa Academia, mas na sociedade portuguesa e mundial, em geral.

Vivemos um momento de unanimidade total e, isso sim, é problemático para a definição de democracia que vem nos compêndios. Porquê? Porque se advoga o princípio da liberdade e de funcionamento livre do mercado, onde a possibilidade de fazer escolhas é essencial. A crítica crucial aos regimes totalitários de outrora era exactamente a de não permitir escolhas. A diferença, neste caso, é que houve liberdade de escolhas para que as candidaturas aparecessem (quem podia e não se candidatou foi porque não quis), mas não existiu uma oportunidade de escolha para os eleitores não elegíveis. E isso devia preocupar todos. Mesmo o eleito, cujo sabor da vitória teria sido outro se houvesse mais candidatos.

Atente-se no que se passa um pouco em todo o lado:

Nas nossas escolas em geral, os directores executivos são empurrados sistematicamente e desapareceu o debate de ideias e projectos onde se ganhavam eleições por um e dois votos (anos 80 ainda). Nos clubes recreativos e associações de pais, culturais e outras, os eleitos são os que aparecem na reunião ou assembleia. Mesmo nos grandes clubes de futebol, que movimentam largos milhares de euros, os candidatos ou são únicos ou ganham com 98 por cento dos votos. Nas autarquias, começa a privilegiar-se a experiência e conhecimento dos dossiês e há câmaras ganhas com largas maiorias absolutas, sem alternativas ou com falta de candidatos qualificados. No Governo, a unanimidade com a oposição é quase total, não fossem umas cabalas e escândalos e umas tiradas jornalísticas. E, finalmente, a imprensa que, cada vez mais, alinha os editoriais com entretenimento e guerrilhas secundárias para fazer esquecer os verdadeiros e reais problemas de uma região ou nação. Repito, é preocupante.

E é preocupante pois indicia que ninguém tem mais a coragem de se comprometer com ideais, convicções e projectos, parecendo que não se sabe o que o futuro lhe reserva ou que não vale mais a pena defendê-los pois os incentivos não se apresentam compensadores.

Tiago Sequeira, no seu artigo de opinião do último número do Urbi, fala de incentivos que a Universidade deveria introduzir para se afirmar no panorama nacional e internacional da competitividade, centrando-se na produção científica como o principal critério. E posso concordar parcialmente com esta ideia, mas discordo em absoluto que, não estando reunidas outras condições, possamos fazer mais do que se tem feito (e muito fez, como é possível observar pelo número crescente de doutorados nos últimos anos na UBI e revelados na candidatura de Santos Silva).

Que outras condições?

Serviços administrativos mais eficientes que libertem os professores de inúmeras rotinas para as quais não se estiveram a especializar; centros de investigação dotados de pessoal qualificado e de meios para gerir sistemas de informação modernos e capazes; cargas horárias médias calculadas por outros critérios que não os restritivos ETIs calculados numa base matricial desajustada; intercâmbio científico intenso que premeie aqueles que se esforçam e estabelecem redes de pesquisa nacional e internacional; flexibilidade na distribuição de serviço que possibilite estágios e bolsas de curta/média duração no exterior; convite a especialistas externos; para virem treinar os nossos quadros, etc. Mas mais ainda, falta a promoção de uma prática de reuniões eficientes, onde os temas sejam previamente estudados, discutidos e os argumentos esgrimidos de forma a que as decisões sejam aceites como grandes orientações para todos e permita afectar o conjunto da Academia.

Será este o grau de maturidade académica que se exige para futuro, mais do que incentivos monetários, que permitirá chegarmos a um patamar de excelência na formação e investigação. Será ainda o estímulo à participação de todos os doutorados, sem exclusão, atribuindo-lhes responsabilidades concretas nos campos e áreas administrativas para as quais sejam mais dotados, que tornarão a academia mais rica, participada e eficiente. Estou certo que será este o grande desafio do nosso novo reitor, o de conseguir finalmente que todos se sintam nesta casa bem de forma a poderem participar com aquilo que têm. E façam votos para que o consiga. Se for essa a orientação, pode contar comigo naquilo que me diga respeito.